

Líder garante 5 anos mas não arrisca inversão

Bobagem. Dos arrolados, não acredito que passem de seis os que mudaram de posição — disse ontem o líder do Governo, Carlos Sant'Anna, ao comentar as informações de que dos 317 signatários da emenda dos cinco anos, pelo menos 37 mudaram de posição e ficaram mesmo com quatro anos. Apesar de manter sua convicção de que aprovaria um mandato de cinco anos, ele passou a andar em marcha lenta com relação à inversão da pauta, para decidir logo este assunto e o sistema de governo.

Centrão começaram a cobrar do Governo favores que seus colegas chamavam de fisiologismo, a liderança do Planalto passou a ter problemas com a manutenção dos cinco anos de mandato. E que pegou mal o "dando que se recebe" lembrado por Roberto Cardoso Alves.

Carlos Sant'Anna insiste em negar que tenha perdido o entusiasmo, admitindo apenas que em política, "a gente administra a agonia de cada dia", e não está trabalhando tanto em torno da inversão. De certa forma, ele até possui um quadro sobre o pensamento do grupo que assinou a emenda, mas não se baseia apenas na avaliação estatística.

Para Lins, Governo atrapalha

O trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Palácio do Planalto visando a aprovação do mandato de cinco anos, ao invés de prejudicar, está na verdade ajudando a tese das eleições diretas este ano.

Esta constatação foi feita ontem pelo deputado José Lins (PLF-CE), defensor dos cinco anos e um dos coordenadores do Centrão.

cer, do próprio trabalho do Governo.

— Se o Governo estivesse preocupado com outros assuntos fundamentais que estão sendo discutidos pela Constituinte, até por gravidade o mandato de cinco anos estaria garantido. O problema é que ele só se preocupa com esta questão, deixando as outras de

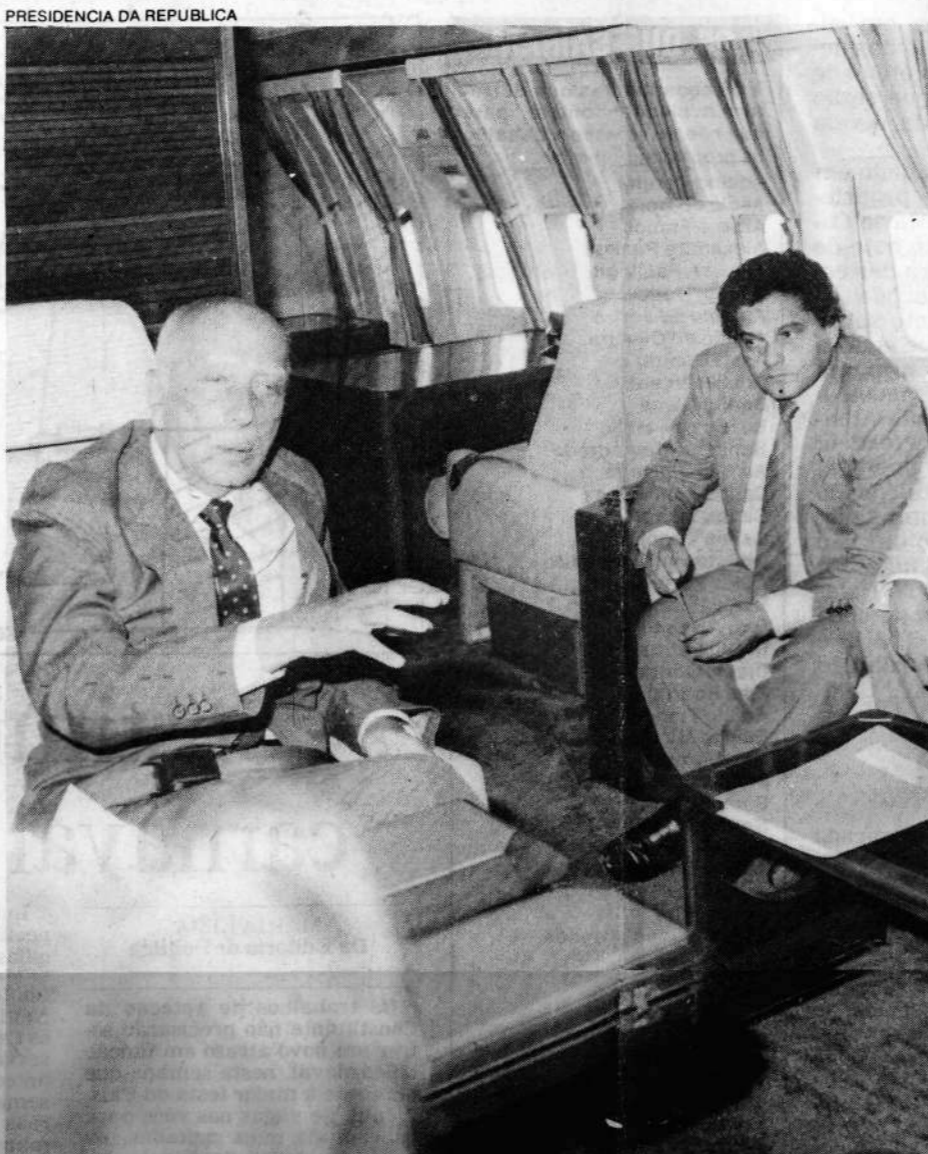
lado, e não está conseguindo amarrar apelos que sejam realmente confiáveis.

Se a pressão da opinião pública aumentar, a maioria hoje existente tende a se diluir — acredita o senador pefelista.

Em sua opinião, a tese das diretas-88 ainda não reúne maioria na Constituinte, mas vem crescendo na medida em que o tempo passa, em virtude não apenas da pressão popular mas, por paradoxal que possa pare-

Ulysses acha que regime não muda

Para ele, presidencialismo ficará, mas só com Congresso fortalecido



Ulysses no Boeing presidencial: a Constituição estará pronta mesmo em abril

LEONARDO MOTA NETO
Repórter Especial

O presidente em exercício Ulysses Guimarães não compartilha do pessimismo generalizado sobre o atraso dos trabalhos da Constituinte, e garante que até meados de abril próximo a nova Constituição estará promulgada. "O entendimento que começa a se manifestar sobre questões básicas já votadas! o painel eletrônico, e algumas reservas de tempo que eu ainda possuo — como a de utilizar as manhãs, os sábados, domingos e feriados para as votações — me dão plena certeza de que até abril tudo estará votado", afirma Ulysses, a 33 mil pés de altura, na cabine privativa do Boeing presidencial, no retorno de sua viagem ontem ao Rio de Janeiro, ao repórter do C O R R E I O BRAZILIENSE.

Até meados de março, afirma o presidente em exercício, estará decidida a questão do sistema de governo. Essa decisão será de importância crucial para definir o tempo de mandato do presidente Sarney, a ser mesmo votado no final dos trabalhos, na parte alusiva às disposições tran-

sitorias, já que não acredita na possibilidade da inversão da pauta para que os dois temas sejam votados quando entrar em plenário o título IV, que cuida da Organização do Estado.

— A não ser que haja um acordo geral das lideranças para interpretar o regimento, não vejo como possa ocorrer a inversão. Acho mesmo que o tempo de mandato vai ser decidido no voto.

Ulysses acredita que a definição sobre o novo sistema de governo — em meados de março, segundo o seu calendário — vai oferecer o desenho para influir na duração do mandato. Ele pessoalmente acredita que a tendência acaba sendo a de um presidencialismo com Congresso fortalecido, segundo os termos pretendidos pela emenda

progressistas, como ontem voltou a ocorrer, nem com o movimento de migração dos integrantes do Centro Democrático do PMDB para fora do centrão. Ontem ele telefonou de Petrópolis para o senador Mauro Benedites e para o diretor-geral da mesa Constituinte, Paulo Afonso Martins de Oliveira, para se inteirar do acordo, mas não conseguiu falar. Sobre o Centro Democrático, marcou conversa com o deputado Expedito Machado. Ontem, no Planalto, sua agenda marca uma reunião com as lideranças em busca do acordo para as votações andarem.

— Não estou muito preocupado com isso, porque há tempo e vamos ganhando experiência com as primeiras votações — afirmou Ulysses. Já mandei telegramas convocando todos os constituintes para estarem em Brasília na quinta, sexta, sábado e domingo logo depois do Carnaval. Vamos andar mais depressa agora. Ao mesmo tempo, vamos colocar em prática inovações como um fala a favor e outro fala contra a emenda; a emenda que obter entendimento para sua aprovação não precisa

Moderados do PMDB ficam com Centrão

A tentativa de rearticulação do Centro Democrático do PMDB mudou de rumo. O grupo não pensa mais em sair do Centrão, idéia que só perturba ainda uns poucos, como o deputado Marcos Lima, irritado com a ameaça à sua posição política em Minas, promovida pelo deputado José Geraldo. Mas o grosso do Centro Democrático, depois de constatar que não tem força para influir entre os que se uniram no Centrão ideologicamente, decidiu exibir neste grupo espaço correspondente aos 140 votos, em média, que têm assegurado nas votações no plenário da Constituinte. Pretende também retomar a tese da unidade do PMDB, com o que espera até mesmo eleger o líder do partido na Câmara, no dia 2 de março.

Ontem, o deputado Expedito Machado não se encontrava em Brasília, mas ligou para o deputado Carlos Sant'Anna convidando-o para uma reunião hoje às 11 horas, na biblioteca da Câmara, quando tratarão do espaço para o Centro Democrático, que corresponde à ala moderada do PMDB. Antes, Marcos Lima, Geraldo Fleming e uns outros deputados que preferiam se distanciar do Centrão tentaram, na casa de Expedito, a partir das 8 horas, redigir um manifesto dando conta do pensamento deles, contra a predominância da direita dentro do Centrão.

Segundo versão que corria ontem, o mais alterado no questionamento da permanência do Centro Democrático dentro do Centrão é Marcos Lima. Realmente, ele confirmou sua irritação com o deboche com que o líder do PFL, José Lourenço, trata a rearticulação do grupo peemedebista. Eles não jogaram pedra, e agora, que aguentem — avisou, assegurando que sozinho tirará pelo menos de 20 a 30 colegas do Centrão.

Normalmente uma pessoa ponderada, Marcos Lima vem surpreendendo até mesmo seus companheiros na intransigência, a ponto de ninguém querer avaliar as razões de sua nova posição.

PLENÁRIO Greve e homenagem foram os destaques

O julgamento da greve dos ferroviários, pelo Tribunal Superior do Trabalho, que aconteceu no final da tarde, e a morte do ex-senador João Agripino foram assuntos abordados por vários constituintes que ocuparam a tribuna nos horários de pinga-fogo e de comunicação de lideranças na sessão de ontem. Ao iniciar os trabalhos, o 2º vice-presidente Jorge Arbage (PDS-PA), anunciou que havia na Casa 124 parlamentares, o que era insuficiente para a votação que se seguiria a partir das 16h. Este número cresceu para 323, mas a votação foi inviabilizada pela decisão, tomada pelo Centrão, de negar quorum em plenário, até que se fizesse um acordo sobre o texto.

O primeiro orador do pinga-fogo, deputado Nilson Gibson (PMDBPE), lembrou ao plenário a morte de João Agripino, ocorrida sábado. O mesmo fez o deputado Aluizio Campos (PMDB-PB), exaltando as atividades exercidas pelo ex-parlamentar, que durante 28 anos atuou no Congresso Nacional, tendo sido ainda ministro das Minas e Energia, governador de Paraíba e ministro do Tribunal de Contas da União. Mais tarde, no horário de lideranças, o deputado Fernando Santana (PCB-BA), falando pelo seu partido, também incluiu em seu discurso um apanhado do falecimento de Agripino.

Os deputados Francisco Küster (PMDB-SC) e Paulos Ramos (PMDB-RJ), que até a metade da tarde estiveram acompanhando o desenrolar da avaliação da greve dos ferroviários no Tribunal Superior do Trabalho, manifestaram ao plenário a confiança de que o TST efetivasse um julgamento justo: "Esperamos que prevaleça o bom senso da Justiça", ressaltou Küster. O peemedebista do Rio de Janeiro mostrou-se preocupado quanto à gravidade do caso e convidou os colegas para irem até o TST. Lembrou que ao mesmo tempo em que a categoria se manifesta decidida a não abrir mão da paralisação enquanto não tiver suas reivindica-

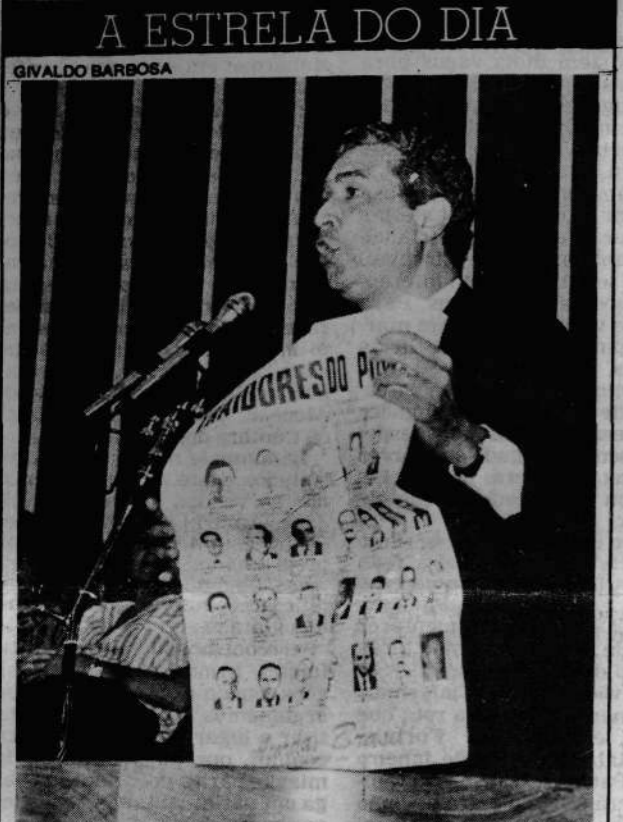
ções atendidas, o "governo se mostra intransigente e até acenou com a possibilidade de punição aos grevistas".

Outro problema grave abordado pelos constituintes foi o estado de calamidade de Petrópolis, semi-destruída por enchentes e desmoronamentos. O deputado Adolfo Oliveira (PL-RJ), que tem sua base eleitoral naquela cidade, apelou ao governo federal para providências imediatas que atendam à comunidade. Em vista das dificuldades enfrentadas desde o último final de semana pelos habitantes da cidade, Adolfo solicitou ainda concessão de prazos especiais para o pagamento de financiamentos e dívidas gerais contraídas pelos comerciantes de Petrópolis.

Já a deputada Irma Passoni (PT-SP) manifestou sua indignação pela proposta do Centrão de querer desvincular o exercício do direito de propriedade do bem-estar social, da conservação dos recursos naturais e da proteção ao meio ambiente. "Não consigo entender porque os centristas defendem a desvinculação destes setores, quando se verificam catástrofes como a do césio em Goiânia e agora a de Petrópolis. Estes acontecimentos se multiplicam porque a sociedade brasileira não sabe se autoplanear", afirmou.

FUMANTES

Irma Passoni, mais tarde, pedindo a palavra para uma reclamação à Mesa, fez com que o presidente em exercício da Assembleia, senador Mauro Benedites (PMDB-CE), tomasse a decisão de solicitar aos fumantes que exercessem seu vício em outro ambiente. A deputada petista reclamou que em algumas horas seguidas de votação o ar fica tão poluído que se torna quase impossível a presença em plenário. Pediu então aos constituintes e jornalistas que transitam pelo local que evitassem fumar. Benedites acolheu sua sugestão e decidiu que os fumantes passarão a outro recinto quando estiverem fumando.



Izar mostra, da tribuna, o cartaz que o irritou

Deputado quer foto no cartaz da CUT

"Não se esqueçam de mim, na próxima edição", foi o pedido comovido que o deputado Ricardo Izar (PFL-SP) fez ontem da tribuna da Assembleia Nacional Constituinte aos dirigentes da Central Única dos Trabalhadores — CUT. Segundo ele, esses sindicalistas esqueceram de incluir seu nome e sua fotografia nos cartazes em que constituintes do Centrão são chamados de "traidores do povo". "São Paulo amanheceu coalhada de cartazes — disse ele —, mas meu maior espanto foi o de não ver meu retrato estampado junto com o dos meus companheiros. Isso inclusive me criou sérios problemas, pois logo comecei a receber reclamações de minhas bases, imaginando que eu havia deixado o agrupamento".

Centrão. Faça parte com orgulho deste agrupamento, esse agrupamento sem o qual não haveria entendimentos, não haveria votação, não haveria trabalhos constituintes".

O sucesso do pronunciamento de Ricardo Izar, que tanto frenesi causou na ala esquerdista do plenário — posição quase sempre ocupada pelos constituintes do Centrão, — não se limitou à tribuna. Ele sequer pôde ocupar seu lugar, após pronunciamento, uma vez que parte dos constituintes se interessou em dar uma olhada no cartaz, que Ricardo Izar trazia à mão. Um deles — o líder do PTB, Gastone Righi, — chegou mesmo a esboçar um folgado sorriso ao experimentar a sensação de ser o 13º constituinte na relação das fotos mostradas pelo cartaz.

Para Ricardo Izar a única circunstância estranha em todo esse trabalho da CUT decorre do fato dos cartazes terem sido impressos "em papel sulfite de 1ª qualidade e nesta quantidade". Segundo ele esse seria o caso de se perguntar quem está financiando toda essa propaganda. "De onde vem todo esse dinheiro? Quem estará financiando tudo isso? Será dinheiro da Albânia? Será da Alemanha Ocidental? ou é de Cuba?"

volucionar o acesso do cidadão aos bancos de dados eletrônicos; a participação popular; a instituição da propriedade (que ainda está recebendo os últimos reparos do Centrão) e a ecologia, que terá o tratamento mais avançado do mundo. A reforma agrária deverá ter confirmado o tratamento dado pela Comissão de Sistematização. São poucas as questões que impedem o consenso, e o título II já será votado sem dificuldades. O título III, dos Partidos Políticos, também não deverá apresentar dificuldade. O IV, que trata da Organização do Estado, poderá emperrar um pouco no sistema de governo.

Por isso, o presidente em exercício Ulysses Guimarães não está preocupado em demasia com a falta de acordo entre o Centrão e os

rá de oradores; com fusões, co-autoria, etc, será apresentada a pauta de votações.

Telefonando com frequência para o presidente Sarney (uma vez no domingo no Uruguai, e uma ontem, em Bogotá, às 9 da manhã, antes de sua viagem ao Rio), Ulysses é um político paciente e confiante. Sabe que não deve colocar os carros adiante dos bois. Por isso, é que manda um conselho aos seus companheiros do PMDB:

— Se eles me ouvirem, mais uma vez, não farão a reunião do Diretório antes da Convenção Nacional (a reunião está marcada para 24 de março próximo, para decidir o rompimento do partido com o governo Sarney). Por isso peço que me ouçam mais uma vez; vamos esperar a convenção. Se tiverem juízo, é claro.

Na visita, pique de candidato

A rua do Alto Morin, em Petrópolis, estava encharcada de lama e detritos da enchente. Um trator fazia seu trabalho, sob um ruço que parecia fumaça de destruição. Mas ainda assim o presidente em exercício, Ulysses Guimarães, atravessou o lodaçal, apoiando-se nos segurancas, e seguido de sua comitiva, para ir observar o local exato das casas destruídas pelo alud de terra e chuva.

Ulysses passou no teste: está aprovado para uma árdua campanha presidencial, para repetir as cenas de ontem no bairro de São Sebastião (outro atingido pelas enchentes) em que afagou e beijou as crianças assustadas com a tragédia. E acenou para as famílias nas janelas, encorajando-as.

Ulysses mostra uma nova face: a administrativa. Não perdeu tempo para confabulações desde a tarde de sábado, quando esteve no restaurante do Eron, para uma feijoadinha em companhia de políticos. Ao chegar, foi logo questionado por deputados como o fluminense do PL Adolpho de Oliveira

(que tem casa em Petrópolis), assustado com a enchente. Ulysses, no entender de deputados como Adolpho, Bernardo Cabral e Heráclito Fortes, deveria viajar ao Rio, logo no domingo, depois do almoço no Clube do Congresso.

Consultando os ministros a partir do Eron, Ulysses foi sabendo das providências. Mandou o ministro João Alves para o Rio logo no domingo. Com o ministro Leônidas Pires Gonçalves, estudou a possibilidade de o Exército contribuir com cabanas e material de emergência. Através do ministro Ronaldo Costa Couto, fez uma ponte com o presidente Sarney para um contato já no domingo pela manhã. Ao ministro Ivan de Souza Mendes, pediu informações detalhadas.

Contactado o presidente Sarney no Uruguai, ficou decidida a questão logística: Ulysses e a sua comitiva de ministros e deputados viajarão para o Rio no Boeing presidencial reserva, que voltaria a Brasília na noite de domingo. E assim foi feito.

No Rio, ontem, ao chegar à Base Aérea do Galeão, suspeitava-se que o velho líder da resistência democrática no PMDB não tivesse resistência física para enfrentar o mau tempo a bordo de um helicóptero Super-Puma, modelo de 20 lugares, que o Exército tem para missões de resgate. Já havia até confortáveis ônibus com poltronas reclináveis e ar condicionado na pista do Galeão para opção de Ulysses.

Ulysses Guimarães, às 17h30m, quando retornou a Brasília, era um homem tranqüilo. Na cabine privativa, para se refazer do cansaço da aventura a Petrópolis, recebeu os deputados Heráclito Fortes, Vivaldo Barbosa, Ana Maria Rattes, Sílvio Sessim e Aluizio Teixeira para uma conversa que rapidamente resvalou para a parte administrativa: todos estavam preocupados com a ação do governo para enfrentar a tragédia de Petrópolis e da Baixada Fluminense. Ulysses administrou o problema, com instruções dadas da hora aos ministros Prisco Viana e Vicente Fialho. (L.M.N.).

Goianos se movem por Tocantins

Goiânia (Sucursal) Prefeitos e lideranças políticas que integram a Associação de Municípios do Vale do Araguaia e Tocantins estiveram reunidos no município de Cristalândia, distante 800 quilômetros de Goiânia, para debater aspectos relacionados a uma nova mobilização pela criação do Estado do Tocantins, a ser desmembrado do território goiano, acima do paralelo 13.

Participaram do encontro os prefeitos de Cristalândia, Porto Nacional, Gurupi, Fátima, Pium, Ponte Alta, Paraiso do Norte, Duere, Araguacema, Araguaína, Miranorte, Silvianópolis, Rio do Sono e Miracema.

Segundo explicou o prefeito Manoel Reis Cortez, de Cristalândia, patrocinador do encontro, o objetivo é o retorno à mobilização da população do norte de Goiás, suas lideranças políticas e administrativas para acompanharem a vo-

tação, no plenário da Constituinte, do artigo da Constituição que prevê a criação do novo Estado.

A preocupação das lideranças políticas é que o atraso na votação do texto da nova Constituição pode inviabilizar a eleição dos futuros dirigentes da região que teria que ser submetida a um plebiscito, antes do pleito, para confirmar se deseja o desmembramento do território goiano.